



## O discurso do combate a violência: uma análise crítica

Letícia Beatriz Gambetta Abella<sup>1</sup>  
UFRN

**Resumo:** A *Análise Crítica do Discurso* abriu uma nova linha de interpretação do discurso onde os conceitos de poder e hegemonia, são categorias determinantes no processo de análise. Alguns autores reconhecem esta abordagem sob a perspectiva de que a ACD tem sido apenas uma evolução das ciências que a precederam como a *Linguística Crítica* e *Análise do Discurso*. Outros reconhecem na ACD um paradigma novo que tem enfoques, metodologias e ferramentas que faltavam para abrir linhas de pesquisas novas, e entender o discurso não só como uma manifestação social, mas também como um determinante das práticas sociais, o que significa que *Discurso* e *Práticas Sociais* constituem uma relação dialética (Fairclough, 2001). Esta comunicação pretende, analisar o discurso daqueles que combatem a violência no Rio Grande do Norte a partir da perspectiva da ACD, a fim de identificar através das manifestações discursivas os conceitos de hegemonia, abuso de poder, desigualdade, violência e discriminação. Tomando como base os conceitos centrais da ACD e o modelo tridimensional de Fairclough (2001) de análise, observamos que o Rio Grande do Norte tem sido cenário de fatos policiais divulgados pela mídia onde o Discurso da Polícia tem transmitido abuso de poder, incertezas e ameaças à população que podem ser detectadas com os métodos e modelos da ACD. Para provar essas observações foram escolhidas algumas reportagens publicadas na edição virtual do jornal *Tribuna do Norte* da cidade de Natal, respeito ao assassinato de um policial civil acontecido em abril deste ano (2010) num dos bairros mais violentos da cidade.

**Palabras-chave:** Discurso, Violência, Abuso de Poder

**Abstract:** The *Critical Discourse Analysis* has opened a new line of discourse interpretation where the concepts of power and hegemony, are crucial categories for the analysis process. Some authors recognize this approach from the perspective that the CDA has only been an evolution of preceded science such as *Critical Linguistics* and *Discourse Analysis*. Others recognize the CDA as a new paradigm with approaches, methodologies and tools necessary to open new lines of research, and understand the speech not only as a social manifestation, but also as a determinant of social practices, which means that *Discourse* and *Social Practice* constitute a dialectical relationship (Fairclough, 2001). This communication intends to analyze the speech of those who combat violence in Rio Grande do Norte from the perspective of the CDA in order to identify through discursive manifestations the concepts of hegemony, abuse of power, inequality, violence and discrimination. Based on the central concepts of CDA and the three-dimensional analysis model of Fairclough (2001), we found that Rio Grande do Norte has been the scene of police facts spread by the media where the Police speech has transmitted abuse of power, uncertainties and threats to population that can be detected with the methods and models of CDA. To prove these observations we have chosen some articles published in the online edition of the newspaper *Tribuna do Norte* in Natal, about the murder of a civilian police happened in April this year (2010) in one of the most violent neighborhoods of the city.

**Key words:** Speech, Violence, Abuse of Power

<sup>1</sup> letigambetta@yahoo.com.br



## 1. Introdução

Este trabalho tem o objetivo de se adentrar na gênese da Análise Crítica do Discurso, doravante ACD. Em torno da ACD parecem circular diferentes versões que referem a sua história, a sua origem e ao seu posicionamento dentro da ciência. Para alguns autores a ACD é apenas uma continuação de outras áreas de conhecimento surgidas anteriormente, para outros esta forma de fazer análise do discurso se apresenta como uma nova ciência que abre novas abordagens. Em um nível de abstração ainda mais profundo, alguns estudiosos nem sequer a consideram ciência e sim uma abordagem crítica. Van Dijk expressou que “... a Análise de Discurso Crítica não é uma teoria, não é um método de análise, então você não pode aprender nem ensinar a Análise Crítica do Discurso. Antes, ela é uma atitude crítica que você tem ou não tem...” (Van Dijk<sup>2</sup>, 2010). Desde outro olhar, autores como Fairclough (2001) entendem que a Análise Crítica do Discurso é uma ciência e um método ao mesmo tempo.

Em janeiro de 1991 pesquisadores de diferentes países e instituições se reuniram em Amsterdam para um intercâmbio de olhares que dariam origem a um novo paradigma. Os estudiosos mostraram seus enfoques particulares e conseguiram se identificar em aspectos programáticos. Segundo Wodak (2003) o acordo principal deste encontro esteve mais na agenda e no programa de investigação do que na metodologia comum.

Com o apoio da Universidade de Amsterdam, Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Theo van Leeuwen y Ruth Wodak passaram dois dias juntos e tiveram a maravilhosa oportunidade de discutir teorias e métodos de análise do discurso em especial de ACD.<sup>3</sup> (Wodak, 2004)

A partir do encontro de Amsterdam surgiu um programa de intercambio denominado ERAMUS que se estendeu durante três anos, e também se iniciaram projetos encarados em conjunto entre os estudiosos que participaram (Pedrosa, 2008).

Amsterdam foi provavelmente à consequência natural de algumas publicações anteriores que já mostravam o campo fértil para esse encontro (Pedrosa, 2008). No ano 1989, Fairclough publicou seu livro *Language and Power*; nesse mesmo ano, Ruth Wodak teve sua obra *Language, Power and Ideology* publicada, e alguns anos antes (1984) Van Dijk tinha publicado

<sup>2</sup> Minicurso: “Discurso e Poder” realizado por Teun Van Dijk na UFBA em 03/12/2010

<sup>3</sup> <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0403/10.htm>



seu primeiro livro sobre racismo: *Prejudice in Discourse*. Outra publicação de Van Dijk: a revista *Discourse na Society*, que resultou de grande importância para a Análise Crítica do Discurso, foi publicada no ano 1990. Depois do Simposio realizado em Amsterdam, a revista de Van Dijk dedicaria um número especial onde apareceriam os diferentes posicionamentos dos pesquisadores participantes do evento.

Assim como Wodak (2003) destaca o Simposio de Amsterdam como o ponto de partida da ACD e o coloca como referência interinstitucional para o posterior desenvolvimento dessa (então nova) corrente de pensamento, outros autores ao se referir à história da ACD não parecem encontrar no encontro de 1991 a gênese desta teoria. Gouveia (2003) faz ênfase nas ciências que, de acordo com o estudioso, foram antecessoras e determinantes para o surgimento dessa inovadora abordagem crítica. Seriam, segundo o autor, essas correntes de pensamento as responsáveis pelo surgimento da ACD. Seguindo um caminho que pode se denominar como intermediário entre as duas posturas, Pedrosa (2008) reconhece a reunião de Amsterdam como um momento acadêmico decisivo na história da ACD. A autora (2008) mostra que o termo Análise Crítica do Discurso aparece por primeira vez num artigo publicado por Fairclough em 1985 (Pedrosa, 2008, apud Resende e Ramalho, 2006). De acordo com a pesquisadora esse artigo constitui um quebre com duas teorias: a Análise do Discurso da Linguística Tradicional, e a Linguística Crítica. Na publicação fica visível na visão de Fairclough a influência de nomes como Althusser, Foucault e Pêcheux da tradição filosófico-linguística (Gouveia, 2003). Na intenção de comparar a Linguística Crítica e a Análise do Discurso francesa com a ACD, Pedrosa (2008) destaca que a LC enfatiza na análise linguística deixando de lado os conceitos de ideologia e poder, já a AD se ocupa da teoria social, mas dando pouco destaque a análise linguística. Para a autora, em sintonia com Fairclough, tanto a AD quanto a LC não teriam a visão dinâmica das relações de poder que apresenta a Análise Crítica do Discurso. Essa nova abordagem crítica da ACD a faria aparecer como uma ciência nova e não apenas como uma evolução das teorias que a precederam. Se referindo as correntes anteriores à ACD, Fairclough expressa que “prestou-se pouca atenção à luta e à transformação nas relações de poder e ao papel da linguagem...” (Fairclough, 2001, p. 20).

Gouveia (2003) ao olhar para a história da ACD dedica um espaço importante da sua publicação a destacar a Linguística Crítica como peça fundamental no surgimento da nova corrente. Gouveia (2003) identifica o nascimento da LC através de algumas publicações que ele considera chaves e que já mostrariam alguns dos conceitos que a ACD recolheria mais tarde.



*Language and Control* de Fowler e *Language as Ideology* de Kress e Hodge, ambos de 1979, constituem, segundo Gouveia (2003) um ponto crucial na preocupação pela relação entre a estrutura linguística e a estrutura social. O autor destaca a preocupação dos autores dessas obras por demonstrar a influência que as relações sociais teriam sobre os aspectos linguísticos e não linguísticos dos sujeitos. Segundo o estudioso, os autores Kress e Fowler se preocupam por demonstrar que significado linguístico e ideologia são inseparáveis e que os dois dependem da estrutura social, pelo qual é fundamental a análise linguística nos estudos de processos ideológicos. (Gouveia, 2003). Apesar das críticas que essa linha de pensamento gerou na época, um novo conceito começava a se abrir caminho: a linguagem entendida como prática social e por tanto um dos mecanismos mediante o qual a sociedade se auto-regula (Gouveia, 2003). Na exposição de Gouveia (2003) a evolução da Linguística Crítica para a Análise Crítica parece ser mais uma questão de nomenclatura que da chegada de uma nova ciência.

Wodak (2003) se posiciona junto a Fairclough ao entender que a ACD é um novo paradigma, diferente das propostas anteriores, que traz outras abordagens que a distanciam da possibilidade de ser apenas uma evolução aperfeiçoada das outras correntes mencionadas. A estudiosa se refere com frequência à heterogeneidade de enfoques e métodos que têm lugar no seio da ACD desde sua origem no Simposio de Amsterdam.

## 2. O discurso do combate à violência

A ACD abriu uma nova linha de interpretação do discurso onde os conceitos de Poder, Hegemonia e Controle, são categorias determinantes no processo de análise. Os autores são unânimes em reconhecer este campo de estudo. Alguns o fazem desde a perspectiva de que a ACD tem sido apenas uma evolução das ciências que a precederam como a Linguística Crítica e Análise do Discurso. Outros reconhecem na ACD um paradigma novo que tem enfoques, metodologias e ferramentas que faltavam para abrir linhas de pesquisas novas, e entende o discurso não só como uma manifestação social, mas também como um determinante das práticas sociais, o que significa que Discurso e Práticas Sociais constituem uma relação dialética (Fairclough, 2001).



Tomando como base os conceitos centrais da ACD e o modelo tridimensional de Fairclough (2001) de análise, observamos que o Rio Grande do Norte tem sido cenário de fatos policiais divulgados pela mídia onde o Discurso da Polícia tem transmitido abuso de poder, incertezas e ameaças à população que podem ser detectadas com os métodos e modelos da ACD. Para provar essas observações foram escolhidas algumas reportagens publicadas na edição virtual do jornal Tribuna do Norte da cidade de Natal, respeito ao assassinato de um policial civil acontecido em abril deste ano (2010) num dos bairros mais violentos da cidade.

### 3. Estudo de caso

O dia 28 de abril de 2010 no bairro de Felipe Camarão, em Natal, RN várias equipes de policiais civis e militares realizaram uma operação de busca e apreensão dos suspeitos da morte do policial civil José Luciano de Oliveira.

Uma das equipes de reportagem da TV Cabugi da cidade, que chegou ao local para cobrir os fatos, teve a camera apreendida pelos policiais para evitar o registro dos acontecimentos. “A equipe de jornalismo da Intertv Cabugi, que noticiava a busca policial no local, teve a câmera e as chaves do carro apreendidas, a pontapés e palavrões, por policias que se negaram a devolver o equipamento”<sup>4</sup>

Quando a equipe conseguiu recuperar o carro e o equipamento de trabalho, perceberam que a câmera tinha ficado ligada enquanto permanecia em poder dos policiais registrando um momento onde um dos policias se dirigiu aos moradores do bairro: “Os ‘vagabundo’ daqui ‘tudinho’ pôde ficar sabendo aqui, um policial que morreu vai valer por 25 da vagabundagem”<sup>5</sup>

O policial responsável pelas palavras citadas acima, assim como os outros que participaram na operação, representavam no momento da operação o poder de repressão que uma sociedade organizada tem para o combate ao crime. A polícia tem o papel de proteger à sociedade, de manter a segurança, mas as intenções que se interpretam a partir das palavras

<sup>4</sup> <http://tribunadonorte.com.br/noticia/repudio-a-excessos-contra-imprensa/147022>

<sup>5</sup> <http://tribunadonorte.com.br/noticia/repudio-a-excessos-contra-imprensa/147022>





do policial, parecem estar bem longe do esperado. Os cidadãos estão sendo claramente ameaçados e verbalmente maltratados numa situação onde eles deveriam ser os protegidos. O policial está se dirigindo a civis: homens, mulheres e crianças do bairro utilizando palavras de conotação agressiva, chamando-os de vagabundos e dando a eles um valor inferior ao de um policial.

Antes de adentrarmos numa análise crítica do discurso devemos identificar se realmente estamos ante um caso para a ACD. Para fazer essa identificação consideraremos os critérios apresentados por Van Dijk (1994) que permitem identificar se um caso constitui objeto de estudo da ACD. Eles são:

**1 - tem de serem procurados fatos repetidos e inaceitáveis, não fatos isolados.** O caso que se analisa neste trabalho faz parte de um mapeo amplo de casos denunciados e publicados de abuso de poder por parte de policiais. Isso seria o que é definido na ACD como o contexto, ou também se o relacionamos com outros textos publicados na mesma fonte e no mesmo sentido (o que é apresentado por Fairclough como intertextualidade). É verdade, porém, que encontrar frases tão explícitas nem sempre é fácil.

**2 - a procura de crítica de instituições e de grupos mais do que pessoas individuais.** No caso escolhido, a instituição é a própria Polícia representada nessa situação por um dos agentes que participavam na operação.

**3 - Focar em atos inaceitáveis que indiquem um abuso de poder e evidenciem a dominação.** O caso responde claramente a esse critério. As palavras ameaçadoras do policial com a comunidade que está esperando a proteção da instituição que ele representa, está claramente representando um caso de abuso de poder legitimado pela sua função e pelo porte de armas.

**4 - A ACD deve se posicionar como uma perspectiva de contra-poder, como uma ideologia de resistência.** O contrapeso fica em evidencia ao detectar através desta comunicação a fragilidade e vulnerabilidade da sociedade civil que já carrega com a insegurança própria do mundo do crime e que espera receber da força policial a proteção que a instituição tem como dever oferecer. Van Dijk entende que existe um nível cognitivo agindo como intermediário entre esses discursos do poder e o discurso individual:

Na minha opinião não tem relação direta entre noções sociais tais como poder, dominação, elites, desigualdade e o discurso individual. O assunto é muito mais complexo, não se precisa este tipo de relação direta, senão melhor uma relação indireta, passando através do que poderia ser uma fase de transição, uma fase de cognição social ou ao mesmo tempo, no sentido, em que o conhecimento deve ser



compartido por um grupo, por uma cultura; pensó que esta fase sempre será necessária para explicar a influencia do discurso na reprodução da desigualdade social. (Teun Van Dijk, 1994, p. 10, tradução nossa)

Tomando como referencia os critérios apresentados por Van Dijk (1994), conseguimos identificar que o caso escolhido para análise reúne as condições para ser objeto de estudo da ACD. Fairclough (2001) a partir do seu modelo tridimensional nos proporciona as ferramentas para realizar uma análise crítica. Os três níveis que o autor identifica como base de análise da ACD são: a produção de texto, a produção discursiva e a prática social. Pedrosa (2008) organiza o modelo tridimensional de Fairclough (2001) através de quadros que resumem as tres dimensões de Fairclough:

- **A análise textual** é a análise descritiva, linguístico, que considera as categorias: estrutura textual, coesão, gramática e vocabulario, (Pedrosa, 2008) a serem observadas como primeiro estágio da análise. O conceito de Texto que Fairclough (2001) utiliza é o mais amplo, tomando as idéias de Halliday de que texto seria qualquer produção oral ou escrita. No caso que estamos analisando, apresentariamos o texto como o que foi dito pelo policial.

A estrutura textual do fragmento escolhido para análise mostra uma intenção por parte do policial de identificar socialmente aos moradores como inferiores, tanto pelo valor da sua vida com respeito à vida de um policial (*“um policial que morreu vai valer por 25 da vagabundagem”*), como pela sua categorização como vagabundos. A pesar de ser um texto breve e que não está relacionado com outros na forma como o apresentamos, a coesão dentro do fragmento também está comprometida por falta de conectores que dariam um sentido mais compacto. Porém, dentro da análise textual o elemento que nesse trabalho adquire maior relevancia é a escolha do vocabulário. O vocabulário utilizado no texto é o que nos transmite o tom de ameaça, a desvalorização das vidas dos moradores e o abuso de poder. A linguagem do policial é uma linguagem desprovida de formalidade e de uso correto da lingua. É uma linguagem que não procede ao léxico habitual das forças policiais e sim, uma linguagem que está presente no coletivo como *“do baixo mundo”*; dos que agem fora da lei, sem acesso à educação e sem outra preocupação que se fazer entender por aqueles que são os seus destinatários. Para Wodak: *“A linguagem carece de poder próprio, obtem seu poder pelo uso que as pessoas poderosas fazem dele”*. (Wodak, 2003, p. 30)

- **A análise discursiva**, segundo estágio do modelo tridimensional de Fairclough, *“está baseada na tradição interpretativa ou miscrossociológica de levar em conta a prática social como algo que as pessoas, ativamente produzem e apreendem com embasamento em procedimentos*



compartidos consensualmente” (Pedrosa<sup>6</sup>, 2008) O nível das práticas discursivas é um nível menos descritivo e mais interpretativo (Pedrosa, 2008?). Está dividido na produção do texto, distribuição do texto, consumo do texto e nas “condições da prática discursiva” (Fairclough 2001, in Pedrosa 2008). A Prática Discursiva, seria esse espaço onde a consciencia colectiva de um grupo influenciaria a produção do texto. Na produção do texto interferem as experiências do grupo e do proprio individuo em função dessa colectividade, interferem as referências conhecidas. (Fairclough, 2001)

A Prática Discursiva presente no texto responde a conceitos de poder e desigualdade social presentes na Prática Social, não só local quanto do resto do país e até de outros países do mundo. No momento que o policial exerce o poder, tanto discursivo através da fala da frase quanto não discursivo no momento que está com a sua farda e com a sua arma acompanhado de outros policiais e elementos que legitimam o seu poder, ele representa imagens, conceitos e ideologias da sua classe.

Considerando as categorias da análise discursiva (produção, distribuição e consumo do texto) a amostra escolhida apresenta, no nível de produção do texto, o contexto e uma intertextualidade implícita. O contexto nesse fragmento está presente na história da violência na sociedade. Os índices de criminalidade no Brasil, a falta de oportunidades das pessoas menos favorecidas, as carências graves no sistema educacional, a violencia policial, o sistema judiciário e carcelário ineficientes, são temas recorrentes na mídia nacional, assuntos que ocupam um percentual importante das noticias divulgadas todos os dias. Junto ao contexto também temos a intertextualidade que o episodio desencadeou a posteriori. O crime do policial trouxe consigo várias manifestações discursivas, tanto orais como escritas, envolvendo diferentes grupos da sociedade. Podemos encontrar vários dos conceitos centrais da Análise Crítica do Discurso tais como discurso, poder, controle e hegemonia, ideologia, texto e genero. Organizações não governamentais, instituições políticas e meios de comunicação do Estado se manifestaram a partir dos fatos analisados. As palavras do policial foram consequencia e causa de outros contextos também discursivamente manifestados, numa relação dialéctica de retroalimentação. O texto teve diferentes níveis de interpretação:

---

<sup>6</sup> <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm>





- a interpretação dos destinatários primários que foram os moradores do bairro Felipe Camarão, aqueles que passivos, são receptores das ameaças e entendem isso como naturalizado na prática policial.
- a interpretação da sociedade em geral que foi também indiretamente ameaçada e fragilizada ao perceber uma instituição policial que passou de protetora para ameaçadora
- a interpretação das instituições de um regime de direito como a justiça, os demais policiais e as instituições que trabalham com direitos humanos.
- a interpretação da mídia ao ser limitada na suas ações e ser também alvo das ameaças.

O consumo do texto pelos diversos níveis de destinatários foi diferente, alguns intencionais e outros accidentais (gravação das palavras sem conhecimento do autor). Aqueles aos quais as palavras do policial se dirigiam intencionalmente (moradores de Felipe Camarão) tiveram uma aceitação tácita ante a impossibilidade de reação pela real falta de acesso aos meios de resposta. Os outros atores sociais (instituições públicas, privadas representativas de diversos setores) tiveram um consumo mais crítico, cada um inferindo o alcance do expressado desde sua posição. As diversas interpretações (as que deram lugar as palavras do policial) como representativas de um discurso de poder abusivo geraram novos discursos e novos textos onde a intertextualidade de Fairclough aparece claramente manifesta. A intertextualidade mostrou também uma luta hegemônica entre duas forças de poder numa sociedade democrática: a força policial e a força da mídia.

A produção do texto foi ao mesmo tempo individual e coletiva. Individual porque são ouvidas as palavras de um agente da polícia e coletiva porque elas representam nesse momento as palavras da classe. Além disso, são mostra clara dessa reflexão as manifestações aparecidas na mídia posteriormente aos fatos respondendo à polícia e não a um indivíduo.

Van Dijk (1994) reconhece na polícia um dos grupos de poder que estão claramente presentes na sociedade, tendo a possibilidade de forçar os atos de maneira direta. Para o autor falar do poder é falar do controle, ele faz a distinção entre controlar os atos e controlar as mentes das pessoas. No caso analisado, a reação da polícia se apresenta como uma tentativa de recuperar um controle perdido com a morte do colega. Van Dijk (1994), expressa que “o poder moderno é persuasivo, nem sempre claramente expressado”, utilizando recursos difíceis de develar. Não podemos afirmar que estejamos ante esse “poder moderno” e sim ante uma forma clara e até rude de exercer o controle inclusive se apoiando, não apenas nas palavras, e sim nas armas que normalmente fazem parte do arsenal dos policiais.



A terceira análise do modelo tridimensional de Fairclough, a **análise social**, “é uma análise de tradição macrossociológica e com características interpretativas” <sup>7</sup> (Pedrosa, 2005). Nessa análise o autor tenta develar o conceito central de Fairclough de que o discurso é uma prática social, e que esses dois elementos têm uma relação dialética. Pedrosa (2005) complementa dizendo que a análise social “é uma dimensão que verifica as questões de interesse, analisa as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e de que maneira elas moldam a natureza da prática discursiva”. Para Fairclough (2001) seria esse nível aonde as estruturas sociais, as práticas de poder acabam moldando as produções de indivíduos e grupos.

As circunstâncias institucionais que influenciaram as palavras do policial estiveram representadas pela morte de um colega em serviço. A instituição policial se sentiu vulnerada e parecia estar enviando uma mensagem que permitisse mostrar que eles continuavam tendo o poder. As palavras, a reação contra a imprensa, as características do operativo em geral, mostraram um descontrole emocional dos policiais que falou mais alto que o lado profissional de uma instituição que tem o objetivo primordial de manter a segurança e a ordem. O desequilíbrio emocional dos policiais foi justificado pelo Secretário estadual de Segurança Pública ao dizer “embora saibamos que eles estivessem com os nervos à flor da pele” em virtude do assassinato de um colega “trabalhador e honesto e era o braço direito” do delegado de Narcóticos, Odilon Teodósio. O Secretário acaba pedindo desculpas pelos excessos cometidos. Ao mesmo tempo, a imprensa se sentiu fragilizada pela ação limitadora da polícia e teve uma reação de resposta utilizando o poder da mídia para recuperar o controle em nome da liberdade de expressão. No dia seguinte aos fatos narrados (29 de abril de 2010) foi publicado no Jornal Tribuna do Norte a matéria que levaria o título: **Polícia caça comparsas de matadores de policial**<sup>8</sup>

Aquí temos o que chamamos na Análise Crítico do discurso como Metaforização da linguagem, levando para o ato de apreensão de suspeitos dos policiais a utilização do verbo CAÇAR normalmente próprio da caça de animais, seja com fins de alimentação ou esportivos. A utilização de Caçar pessoas transmite a idéia clara de tratar aos suspeitos como feras, como animais, como nada, valendo tudo. O título reforça a análise de um poder ameaçador que sai completamente de sua função de protetor para se transformar numa outra forma de ameaça.

<sup>7</sup> <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm>

<sup>8</sup> <http://tribunadonorte.com.br/noticia/policia-caca-comparsas-de-matadores-de-policial/14...>



Nessa interação quem tem a atitude ativa e quem toma a iniciativa, quem fala, é a força policial. Quem ouve e se limita a aceitar são os cidadãos totalmente fragilizados num contexto onde os criminosos agem sem piedade e os policiais se posicionam como mais uma força a temer.

A sociedade sai fortalecida dessas situações, ou elas servem para mostrar a fragilidade de um sistema onde parece mais importante medir forças entre poderes que cumprir a principal função da força policial que é proteger aos cidadãos seja eles pobres, analfabetos, ricos, ou poderosos? A imprensa, querendo fazer a reportagem “do dia”, assiste “a caça” dos suspeitos e a Polícia restringe a sua ação para evitar o registro de uma ação poluída de irregularidades. Quem é que fala a verdade? A polícia? A imprensa? Será que o título da reportagem tivesse sido o mesmo se os policiais que participavam da operação não tivessem tido a triste idéia de se confrontar com a equipe de reportagem? A ACD consegue através da análise dos textos detectarem essas lutas de poder: “los textos son con frecuencia arenas de combate que muestran las huellas de los discursos y de las ideologías encontradas que contendieron y pugnaron por el predominio” (Wodak, 2003).

As manifestações posteriores das organizações de advogados, jornalistas, autoridades policiais, e organizações não governamentais, colaboraram para “recuperar o equilíbrio” de forças entre polícia e imprensa. Apesar de que no decorrer dos fatos, houve momentos em que a limitação da atividade dos jornalistas foi notícia mais importante do que as ameaças que o policial profiriú contra a população. A sociedade alberga todos esses atores, mas, está poluída pela mudança de papéis, pela vulnerabilidade de estar nas mãos de ações criminosas em nítido aumento, por estar com uma força policial fragilizada que não consegue conter o aumento da criminalidade. Ainda, está se aproximando do mundo criminal usando os mesmos códigos (ameaças, abusos) e até a linguagem dos marginais. Tem também, para aumentar essa vulnerabilidade da sociedade, a luta de poder entre a imprensa e as forças policiais. Para Fairclough (2003) “o discurso é ideológico na medida em que contribui a manter umas particulares relações de poder e de dominação”. (Fairclough, 2003, p. 187)

A morte de um policial, estando ele trabalhando no combate ao crime é sem dúvida um fato que choca a sociedade. A sociedade espera em cada ato criminoso a reação da polícia e a apreensão dos culpados. O papel da polícia é de prender suspeitos e encaminha-los à justiça, não é seu papel fazer justiça já que para isso existe o poder judiciário. A garantia dos direitos humanos permite o equilíbrio da democracia para evitar injustiças maiores. Nem sempre o



sistema judiciário da a resposta que a sociedade procura, mas, isso não habilita as forças policiais a tentar fazer justiça com as próprias mãos. As palavras ameaçadoras dadas pelos policiais aos cidadãos do bairro encerram várias situações perigosas. Cidadãos que deveriam estar sendo protegidos estão sendo ameaçados pelo fato de viver num bairro onde os índices de criminalidade são altos e os índices de pobreza e desenvolvimento social estão comprometidos. Esse fato não aconteceu num bairro nobre. Os cidadãos amedrontados não foram profissionais universitários, empresários ou pessoas de alto poder aquisitivo.

Van Dijk (1994) faz uma distinção entre Discurso e Acceso onde distingue o acesso das elites aos elementos do evento da comunicação, já que ela tem acceso ativo controlado a esses elementos, limitando quem fala e sobre que assunto e quando. Os grupos dominados têm apenas um acceso passivo aos meios de comunicação e um acceso controlado à comunicação dentro das instituições. Isto também inviabilizaria a possibilidade desses abusos de poder em outros ambientes mais elitistas. A dimensão da operação que incluiu policiais civis e militares não foi a mesma vista nos casos de assassinatos a outros homens que não pertencem as forças policiais. Wodak (2003) resume esses conceitos “para el ACD, la ideología representa un importante aspecto del establecimiento y la conservación de unas relaciones desiguales de poder”.

#### 4. Considerações finais

Esta comunicação pretendeu transcender a uma simples descrição dos fatos históricos que deram origem a Análise Crítica do Discurso. Nessa primeira parte se procurou a opinião de alguns autores sobre o momento histórico mais marcante no surgimento da ACD. Consideramos para isso Wodak (2003), defensora do congresso de Amsterdam em 1991, como ponto de partida para começar a escrever sobre a história da ACD e ao professor Gouveia (2005) como um autor que conta a história da ACD a partir da evolução de outras ciências. Na Academia Brasileira tivemos acesso a trabalhos da Prof.<sup>a</sup> Cleide Pedrosa com um posicionamento intermédio entre as duas correntes anteriores.

Numa outra abordagem da primeira parte deste trabalho o objetivo foi fazer uma leitura diferente dos autores que tem se manifestado a favor da ACD como uma ciência que abriu



caminhos e que merece ser considerada como uma nova linha académica e mencionando também aqueles que reconhecem os aportes da ACD, mas que a veem só como uma continuação de outras linhas de estudo já existentes.

Na segunda parte, o trabalho teve o objetivo de dar um passo de aplicação prática da ACD. Para isso, foi escolhido um caso policial de grande repercussão na mídia local por ter envolvido, além da morte de um policial civil, a reação da policia contra a imprensa e contra os moradores do bairro. O caso gerou uma importante exposição na mídia assim como reações de organizações diversas no âmbito público e privado.

Esta comunicação se concentrou nas palavras de um dos policiais que procurava os criminosos ao se dirigir aos moradores do bairro. Foi trazido um recorte do caso, tentando que a ACD seja a ferramenta que nos ajude a entender quais são os mecanismos que operam por tras de conceitos como abuso de poder e desigualdade social. Para conseguir estes objetivos, consideramos o modelo tridimensional de Norman Fairclough de análise do Discurso e os criterios de Teun Van Dijk para identificar um objeto de estudo da ACD.

Este trabalho permitiu através do recorte de um estudo de caso, visualizar a relação dialética entre linguagem e prática social. Pretendeu-se mostrar a ACD e as suas possibilidades como contrapeso social, como uma via de transformação da sociedade, com fins reivindicadores capazes de detectar os conceitos naturalizados de abuso de poder, hegemonia e discriminação.

## **Referências**

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso, mudança e hegemonia. In: PEDRO, Emília Ribeiro (org.). *Análise Crítica do Discurso*. Lisboa: Caminho, 1998, p. 77-103.

\_\_\_\_\_. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidad de Brasília, 2008.

\_\_\_\_\_. El análisis crítico del discurso como método para la investigación en ciencias sociales. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michel (eds.) *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 179-203.

GOUVEIA, Carlos A. M. *Análise Crítica Do Discurso: Enquadramento Histórico.*, In MATHEUS, Maria Helena & CORREIA, Clara Nunes (Eds.): *Saberes no Tempo: Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*. Lisboa: Edições Colibri: 335-351.





MAGALHÃES, Célia Maria. A Análise Crítica Discurso enquanto teoria e método de estudo. In: \_\_\_\_ (org). Reflexões sobre análise crítica do discurso. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 15-30. S

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Análise Crítica do Discurso: introdução teórica e perspectivas de análises. In: BEZERRA, Antonio Ponciano; PEDROSA, Cleide Emília Faye (orgs.) Língua, Cultura e Ensino Multidisciplinaridade em Letras. Aracajú: Editora UFS, 2008, p.83-127.

\_\_\_\_\_. Análise Crítica do Discurso: uma proposta para a análise crítica da linguagem. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 9. Tomo 2: Filologia, Linguística e Ensino: CiFeFil: Rio de Janeiro, 2005b, p.43 -70.

\_\_\_\_\_. Proposta Teórica da Análise Crítica do Discurso: Contribuição dos Estudiosos na área. .Fortaleza: UFC, I Seminário de Análise de Discurso Crítica, 27 e 28 de maio de 2010. Texto inédito cedido pela autora.

WODAK, Ruth. De qué trata El análisis Crítico del Discurso (ACD). Resumen de su historia, Sus conceptos fundamentales y sus desarrollo. IN: WODAK, Ruth& MEYER, Michael (orgs). Métodos de análisis crítico del Discurso. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 17 – 34

VAN DIJK, Teun A. Escuelas de Ciencias Del Lenguaje y Literaturas de la Universidad Del Valle. Conferencia 1 em Análisis Crítico Del Discurso. Enero, 1994.